

Um exército contra o coronavírus

As batalhas nem sempre se ganham com as armas. E os heróis nem sempre usam capas. Muitos acordam de madrugada e sabem apenas a hora em que o dia de trabalho começa. Não se consideram excepcionais, mas estão conscientes de viver um momento excepcional. São os profissionais que trabalham todos os dias nos hospitais para deter o coronavírus. Heróis com bata e máscara.

21/03/2020

Todas os dias, Espanha inteira vem à varanda para aplaudi-los pela sua integridade e generosidade. São milhares. Um exército de homens e mulheres que lutam corpo a corpo contra o coronavírus nos centros sanitários. Alguns contam a sua experiência nesta reportagem.

Paloma Fernández, enfermeira da UCI num hospital de Madrid: *"Isto é como uma guerra e eu sinto-me como um soldado"*

Tem apenas 23 anos e um casamento à vista. Mas tudo parece ter parado no tempo enquanto Paloma percorre nestes dias a UCI do hospital onde trabalha desde há doze meses. Ali a esperam quatro doentes com coronavírus, dentro de câmaras de

vidro e deitados de bruços para respirar com mais facilidade.

“Isto é como uma guerra e eu sinto-me como um soldado, mas desta vez não se trata de bombas, mas de pequenas partículas que podem cair e infetar-te. Tento não pensar muito nisso, ter presença de Deus e ver Cristo nos doentes. Estão assustados e passam muito tempo sozinhos. O tempo em que estou lá dentro, tento dedicar-lho a eles”, relata.

Paloma não descansa desde há duas semanas como muitos dos colegas. Quando passa pelos dois doentes conscientes, detém-se com eles. A um, que está melhor, passou-lhe uma lista de filmes para se entreter. Com outra, uma mulher que não fala espanhol, conversa em inglês. "Através do vidro, olha-a com carinho, perguntou-lhe como está ... Ela levanta o dedo em sinal de

vitória, porque diz que vai melhorar, que será capaz de lidar com o vírus".

"Tenho bastante paz interior.

Quando vou trabalhar, deixo tudo nas mãos de Deus. Rezo por cada um dos meus pacientes e pelos meus colegas. Ter Deus presente e saber que estou nas Suas mãos ajuda-me a andar pelo hospital todos os dias com um sorriso. Estou aqui há apenas 12 meses, e pode parecer que estou um pouco 'happy', mas o que acontece é que me apoio no Senhor", diz. "Toda a dificuldade ou evento desagradável tento vê-lo com Deus. Foi isso que aprendi graças à formação que recebi no Opus Dei. A situação é difícil. Sem Deus, ficaria nervosa. Mas quando atuo assim e vejo os rostos dos nossos pacientes, é reconfortante."

Abel Mujal, médico internista em Barcelona: "Na segunda-feira,

chego à linha de frente do combate"

O Dr. Mujal trabalha na unidade de internamento domiciliar de um hospital com 700 camas. Até agora, encaminhava os pacientes para as suas casas para libertar espaço para os pacientes com COVID-19, mas na próxima semana o seu trabalho será visitar os doentes nas suas casas. "Na segunda-feira, passo para a linha de frente do combate", explica. Sente a Medicina como uma vocação e, embora esteja preocupado com a possibilidade de contágio, sabe que é com o seu trabalho que pode ajudar melhor. "Vou pôr uma imagem de Nossa Senhora no carro e pedir que seja o meu escudo contra o coronavírus", diz.

"Este é um trabalho de equipa. Nestes dias em que as pessoas nos aplaudem das janelas são um estímulo e, quando as ouço, lembro-

me de todos os meus colegas, também os da equipa de manutenção, que limpam os teclados dos nossos computadores para que não haja vírus, das cozinheiras... Eu, que uso carros da unidade, penso nas pessoas que os limpam e os levam para arranjar. Não podíamos visitar estes doentes ou fazer esse trabalho sem todos eles ", considera.

No seu hospital, onde trabalham mais de duas mil pessoas, os turnos são a dobrar e, no final do trabalho, continua-se pendente dos doentes. "A formação que recebo no Opus Dei é muito importante para mim. Um sacerdote disse-me que tinha que rezar mais, porque assim manteria a paz, a serenidade e o meu trabalho melhoraria. O facto de estar perto de Deus ajuda a encarar a preocupação. É uma maneira de recarregar as baterias todos os dias. Eu sei que há muitas pessoas a rezar por nós e isso ajuda-nos muito, muito, muito ...".

Pilar Martínez, médica numa UCI em Málaga: "*Agora, sim, trabalhamos juntos*"

Em poucos dias, o COVID-19 mudou a dinâmica da UCI em que Pilar trabalha, num hospital de Málaga. Até agora, às primeiras horas os enfermeiros faziam a higiene dos doentes nas UCI e, depois, os médicos vinham vê-los, ver os exames e indicar o tratamento. Agora, a primeira coisa é vestir um escafandro, uma bata impermeável, calças, óculos, uma máscara com filtro e luvas duplas ou triplas.

“Os nossos doentes estão sedados e ligados à ventilação mecânica e requerem muitos cuidados. Por esse motivo, todos os trabalhadores de saúde compartilham tarefas. Agora sim, que trabalhamos juntos. Eu nunca tinha lavado um doente. E é uma tarefa tão delicada ... Isso sim, que é cuidar!”, considera. Também

ela tenta ver Cristo em todo o doente que atende.

A tarefa mais difícil é quando têm que informar a família, porque só pode entrar um parente, que visita o doente através do vidro. A maioria nem pode ir porque está em quarentena. Portanto, as informações são dadas pelo telefone. "Acho que é a coisa mais difícil, porque para nós, intensivistas, a linguagem não verbal é muito importante e não se pode usá-la. Tem que se mostrar a gravidade da situação e que sintam que o seu parente está no melhor lugar, que se sintam seguros. A empatia por telefone é difícil. Mas também estamos a aprender", conta.

O vírus não só trouxe a colaboração nas equipas médicas; também entre hospitais e sociedades científicas através das redes sociais. A rapidez de partilhar os resultados da

investigação é essencial. Médicos de países diferentes vão contando experiências e cedendo protocolos. “Sendo um novo vírus, ninguém sabia como tratá-lo. Os chineses contribuíram muito e, neste mês, há publicações com os seus resultados. Mas os italianos, embora tenham começado mais cedo, ainda estão em crise e não tiveram tempo de publicar”. Apesar de tudo, Pilar olha para o futuro com otimismo, embora sabendo que será diferente. Haverá um antes e um depois do COVID-19.

Mayte Pérez, médica da equipe do COVID-19 num hospital de Vigo:
"Tentamos ajudar as famílias num momento tão difícil"

Existem dez médicos e enfermeiros na equipe de Mayte, apenas uma pequena parte do dispositivo desenvolvido para atender os doentes com coronavírus. Mas todos no hospital estão envolvidos, desde o

laboratório, até ao pessoal da limpeza, os cuidadores... E na parte clínica, as áreas de doenças infecciosas e de pneumologia. “Nos hospitais, às vezes pode haver pequenas disputas entre serviços. Mas, neste caso, estamos todos a trabalhar lado a lado com a disposição de ajudar, fazendo todo o possível para obter o melhor atendimento aos doentes”.

A prioridade agora para a equipe de Mayte é acompanhar as pessoas que estão pior e que podem vir a morrer. "Estão sozinhas no quarto, porque os familiares não se podem expor ao contágio. Estamos a estudar como fazer para que estejam acompanhadas e como lidar com a dor. Para as famílias é um momento muito difícil e trabalhamos para ajudá-las ", explica.

Luísa, anestesista e médica de cuidados intensivos num hospital

de Madrid: "*Muitas pessoas me perguntam o que faço para não ter medo*"

Luísa sai do hospital todos os dias quase às seis da tarde, mas o seu dia não termina. “Nestes dias não desligamos. Quando se sai do trabalho, continua-se a receber chamadas de pessoas que precisam de orientação e aconselhamento. Mas notamos que muitas pessoas rezam por nós. E transmitem-nos muitos pormenores de carinho. É um momento único e extraordinário de medos e incertezas. Isto é algo que nos igualou a todos, que parou o país. Não importa quem se é. Estamos todos nas mãos de Deus, com alicerces abalados e à espera de que isto passe”.

"Muitas pessoas me perguntam o que faço para não ter medo e respondo que a única coisa que pode mudar a história é a oração. Digo-lhes para

pedirem à Virgem uma capa invisível para não se contagiarem. As pessoas veem que é necessário algo mais para lidar com isto. Um plus, algo acima do comum”, reflete. Cerca de 80 pessoas trabalham no seu serviço, e algumas estão contagiadas e isoladas. Luísa anima-as e procura estar próxima.

A pandemia está a tocar o interior das pessoas. "As pessoas estão recetivas a mudanças nas suas vidas: há colegas que querem passar mais tempo com as suas famílias. É um alerta para todos”, comenta.

Quando chega a casa, Luísa não pode tocar nos filhos nem no marido. Foi dito a todos no hospital que se considerem positivos pelo coronavírus.

Ela mesma teve um pouco de febre e desconforto há uns dias. Assim, em casa, eles mantêm as distâncias e usam uma solução alcoólica para se

lavar. "Agora valorizamos a coisa mais básica, o contacto físico com que os seres humanos mostram o carinho".

Luísa é do Opus Dei e tenta santificar o seu trabalho como anestesista todos os dias. A sua especialidade exige que intervenha em operações cirúrgicas em doentes com coronavírus, a quem coloca um tubo na traqueia, uma das áreas com mais possibilidades de contágio. Isso aconteceu com várias intervenções em idosas infetadas pelo vírus que tinham fraturado o colo do fémur. Eram operações que não podiam esperar. "Também tratamos doentes com pneumonia. Na UCI cirúrgica, também começamos a ter pacientes com COVID-19 e fico lá muitas horas", relata.

Apesar do risco de contágio, e apesar de notar alguns sintomas, a equipa de Luísa continua a trabalhar,

oferecendo-se para fazer urgências. No hospital ainda há camas, ventiladores e algumas áreas vazias, embora saiba que será por pouco tempo. Os casos duplicaram em apenas uma semana.

Mas há uma força maior do que todas as dificuldades que a puxa para cima, que puxa por todos eles. Essa força é a sua vocação profissional, uma avalanche que pode com tudo. "Sou médica, e é isso que tenho que fazer, o que posso fazer pelos outros, e é para isso que estou neste mundo".